



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

CAMPUS ZÉ DOCA

CURSO DE LETRAS - LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

MARILENE SILVA DE CARVALHO

HÁ AUTORAS NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA?
Uma análise da Coleção "A Conquista" da FTD

ZÉ DOCA

2024

MARILENE SILVA DE CARVALHO

HÁ AUTORAS NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA?
Uma análise na coleção “A Conquista” da FTD

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Estadual do
Maranhão como parte dos requisitos para
obtenção do título de graduado em letras.

Orientadora: Prof.^a Ma. Andreza Luana da
Silva Barros

ZÉ DOCA

2024

MARILENE SILVA DE CARVALHO

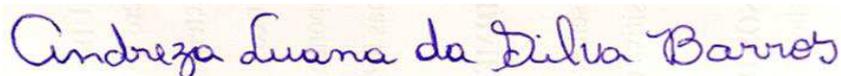
HÁ AUTORAS NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA?

Uma análise na coleção "A Conquista" da FTD

Monografia apresentada junto ao Curso de Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovada em: 28 / 08 / 2024

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Ma. Andreza Luana da Silva Barros (Orientadora)

Mestre em Letras
Universidade Estadual do Maranhão



Prof^a. Ma. Cíntia Maria Barbosa de Sousa

Mestre em Letras
Universidade Federal do Piauí



Prof^a. Me. Alexandra Monteiro

Mestre em Letras
Universidade Estadual do Maranhão

Carvalho, Marilene Silva de

Há autoras negras nos livros didáticos de língua portuguesa? Uma análise da coleção "A Conquista" da FTD / Marilene Silva de Carvalho. – Zé Doca, MA, 2024.

39 f

TCC (Graduação em Letras Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Zé Doca, 2024.

Orientador: Profa. Ma. Andresa Luana da Silva Barros.

1.Livro didático. 2.Representatividade negra. 3.Escrita feminina. I.Titulo.

CDU: 37(072)-055.2(=013)

Elaborado por Cássia Diniz - CRB 13/910

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me fortalecido ao ponto de superar os desafios e também por toda saúde que me deu e que me permitiu alcançar esta etapa tão importante da minha vida.

A esta universidade e a toda sua direção, eu deixo uma palavra de agradecimento pelo ambiente acolhedor e pela oportunidade de concluir este curso. Agradeço a todos os professores e em especial a minha orientadora, Andreza Luana da Silva Barros que me acompanhou neste percurso, deixo minha sincera gratidão, porque sem paciência e sabedoria jamais seria esta pessoa tão realizada. Agradeço aos meus colegas, pelo companheirismo e momentos de alegria. Obrigado a todos que, mesmo não estando citados aqui, contribuíram para a conclusão desta etapa.

RESUMO

Este estudo concentra-se no livro didático (LD), um recurso utilizado nas aulas de educação básica, visando analisar como a representatividade feminina negra se apresenta nos livros didáticos do 6º ao 9º de língua portuguesa da coleção “A Conquista” da FTD. Acredita-se que a abordagem desse tema seja relevante para a construção de uma educação inclusiva e equitativa, tendo em vista o quanto os negros contribuíram para a formação cultural da sociedade brasileira. Assim, a pesquisa partiu da seguinte problemática: De que maneira as autoras negras são referidas nos livros didáticos de língua portuguesa de alunos do ensino fundamental? Objetivando identificar autoras negras representadas nos livros didáticos de língua portuguesa mais amplamente adotados na coleção da FTD, verificando lacunas na representação dessas autoras, descrevendo possíveis consequências na educação e ainda compreender a forma que as autoras negras são citadas nos livros didáticos, com foco nas oportunidades para promover uma representatividade mais inclusiva e equitativa. Como embasamento teórico da pesquisa, foram utilizados os estudos de Almeida (2019); Duarte (2018); Evaristo (2009); Rocha (2021); Silva (2017); Vasconcelos (2014); dentre outros. Para realizar o estudo proposto utilizou-se de análise bibliográfica e documental sobre os livros didáticos a fim de delinear como está sendo a representatividade negra nos livros de língua portuguesa e como estão sendo inseridos nos livros. Na coleção de livros didáticos analisada, foram identificadas apenas quatro autoras: Anna Soler-Pont, Maria Valéria Rezende, Carolina Maria de Jesus e Alice Ruiz, representando o público feminino nos livros, dessas quatro autoras femininas, apenas uma, Carolina Maria de Jesus, está representada o público de autoras afro-brasileira nesses livros. Diante dos estudos, e das análises de todos os materiais utilizados para embasamento deste trabalho, conclui-se que, de fato, prevalece a classe dominante (homens, brancos e que pertencem a alta sociedade) nos materiais didáticos, sendo raríssimo encontrar representatividade negra.

Palavras-chave: Livro didático; representatividade negra; escrita feminina.

ABSTRACT

This study focuses on the textbook (LD), a resource used in basic education classes, aiming to analyze how black female representation is presented in textbooks for grades 6 to 9 in Portuguese from FTD's "A Conquista" collection. It is believed that addressing this topic is relevant to the construction of an inclusive and equitable education, given how much black people contributed to the cultural formation of Brazilian society. Thus, the research started with the following problem: How are black authors referred to in Portuguese language textbooks for elementary school students? Aiming to identify black authors represented in the most widely adopted Portuguese language textbooks in the FTD collection, verifying gaps in the representation of these authors, describing possible consequences in education and also understanding the way in which black authors are cited in textbooks, focusing on opportunities to promote more inclusive and equitable representation. As a theoretical basis for the research, studies by Almeida (2019) were used; Duarte (2018); Evaristo (2009); Rocha (2021); Silva (2017); Vasconcelos (2014); among others. To carry out the proposed study, bibliographic and documentary analysis of textbooks was used in order to outline how black representation is being seen in Portuguese language books and how they are being inserted into the books. In the collection of textbooks analyzed, only four authors were identified: Anna Soler-Pont, Maria Valéria Rezende, Carolina Maria de Jesus and Alice Ruiz, representing the female audience in the books. Of these four female authors, only one, Carolina Maria de Jesus, This represents the audience of Afro-Brazilian authors in these books. In view of the studies, and the analysis of all the materials used to support this work, it is concluded that, in fact, the dominant class (men, whites and those belonging to high society) prevails in teaching materials, and it is very rare to find black representation.

Keywords: Textbook; black representation; female writing.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A VOZ DAS MULHERES AFRO-BRASILEIRAS NA LITERATURA	10
3 O LIVRO DIDÁTICO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA	13
4 LITERATURA E REPRESENTATIVIDADE	16
5 METODOLOGIA	19
5.1 Contextualizando a pesquisa.....	20
5.2 Procedimentos metodológicos	21
6 ANÁLISE DE DADOS	21
6.1 Livros de Língua Portuguesa 6º e 7º ano	26
6.2 Livros de Língua Portuguesa 8º e 9º ano.....	30
7 CONCLUSÃO	36
9 REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Os livros didáticos são frequentemente manuseados em salas de aulas nas escolas, diante disso, optou-se por realizar um estudo acerca da representatividade feminina negra nos livros didáticos, com foco em examinar os livros da coleção “A Conquista”, publicados pela editora Frère Théophile Durand (FTD) com o intuito de analisar a presença e contribuição de autoras negras na literatura dos livros didáticos de língua portuguesa do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

A abordagem desse tema possui grande relevância para a construção de uma educação inclusiva e equitativa, bem como para a promoção da representatividade na literatura, especialmente quando incluídos nos materiais didáticos. Considerando que esses livros estão sendo adotados e trabalhados com os alunos que estão ou irão adentrar aos anos finais do ensino fundamental II, na Escola Municipal Instituto Fundamental Batista da cidade de Governador Newton Bello, Maranhão.

Esta pesquisa concentra-se no Livro Didático (LD), um recurso essencial nas aulas de educação básica. O livro de língua portuguesa é um instrumento pedagógico comum em todas as instituições de ensino. Considerando que o livro didático é um dos recursos essenciais utilizados em salas de aula, a partir das análises, será possível concluir se os textos de autoras negras estão sendo considerados entre os demais textos de autores mencionados nos livros de língua portuguesa.

Acredita-se que é essencial fornecer evidências sobre a presença de autoras negras na educação básica. O conhecimento sobre os negros é importante, considerando a significativa contribuição que tiveram para a formação cultural da sociedade brasileira. Logo, é necessário analisar e compreender a inclusão e representatividades de autoras afro-brasileiras em livros didáticos. Assim, permitindo perspectivas e histórias que são frequentemente subrepresentadas ou até ignoradas nos livros didáticos, não seguindo conforme ao objetivo da Lei 10.639/2003, que visa apresentar e dar visibilidade às autoras negras no país.

A Lei 10.639/2003 oferece o contexto para a compreensão de como este trabalho foi elaborado. Essa lei tornou o ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, sejam públicas ou privadas, incluindo informações sobre a contribuição do negro à cultura brasileira. Portanto, surgiram

algumas perguntas sobre a inclusão de textos de autoria afro-brasileira nos livros didáticos, que este estudo pretende responder.

Outro ponto a destacar é a relevância dos autores negros, incluindo não apenas as mulheres, mas todos os negros que, por meio de suas obras, contribuíram significativamente na construção da história do Brasil e no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e menos racista. Dessa forma, seria positivo que houvesse nos livros, textos de autoras negras brasileiras, já que as leis permitem e apoiam que os alunos aprendam sobre a cultura afro-brasileira. Portanto, o seguinte questionamento será o foco deste trabalho: de que maneira as autoras negras são referidas nos livros didáticos de língua portuguesa de alunos de 6^o ao 9^o ano do ensino fundamental?

Acredita-se que o estudo de obras escritas por autoras negras seja crucial no processo educacional. A instituição de ensino faz parte da sociedade, então não está livre das influências sociais, que podem ser vantajosas ou cruéis, como afirma Rocha (2021). A escola é um ambiente que desempenha um papel significativo na construção do conhecimento em várias áreas, principalmente no âmbito social.

A seguir, apresenta-se a fundamentação teórica adotada neste estudo, enfatizando a escrita feminina afro-brasileira e discutindo de que forma a representatividade negra na literatura pode contribuir para que o aluno se sinta como sujeito representado. Refletimos ainda, sobre o livro didático, assim como sobre a literatura e representatividade nas aulas de Português. Em seguida, expõe-se a metodologia adotada para o estudo e, em seguida, propõe-se uma discussão das análises de dados e por fim, as considerações finais.

2 A VOZ DAS MULHERES AFRO-BRASILEIRAS NA LITERATURA

As obras produzidas por mulheres afrodescendentes no Brasil representam uma forma de confrontar e desmontar os preconceitos relacionados às mulheres negras. A literatura se revela como um meio de evidenciar a voz dessas autoras, suas vivências e as barreiras que tiveram que superar ao longo de sua trajetória de escrita.

É preciso destacar que, no contexto brasileiro do século XIX e início do século XX, o acesso à educação de mulheres, mesmo nos extratos econômicos médios e altos, era bastante restrito. O pouco acesso de mulheres ao mundo das letras e à função de escritoras gerou um limitado número de autoras de destaque. (Silva, 2017, p. 02)

Abordar a literatura produzida por mulheres afro-brasileiras não se resume apenas aos textos escritos, mas engloba também as experiências de vida de indivíduos negros que sofreram opressão e escravidão por longos períodos. A mulher negra, em particular, enfrentou muitos desafios para ser vista e aceita na sociedade tanto como pessoa quanto como escritora. Elas lutaram arduamente ao longo dos séculos em busca desse reconhecimento e de uma educação acessível, embora precária.

Frente a essas lutas, em relação aos desafios relacionados com o reconhecimento das mulheres, é imperativo mencionar a escritora (romancista) Maria Firmina dos Reis. Escritora e romancista negra maranhense, ela é um dos nomes mais destacados da escrita feminina, uma mulher negra que em uma sociedade patriarcal, conseguiu se sobressair, desafiando e quebrando paradigmas da época. Ela foi considerada a primeira escritora negra do país e foi a primeira mulher negra a ganhar um concurso público no Maranhão.

[...] impedir a alfabetização das moças era uma forma de impedi-las de fazerem “mau uso dessa arte” [...] A grande maioria das mulheres não era alfabetizada e as que conseguiam aprender a ler possuíam acesso limitado a livros. (Vasconcelos, 2014, p. 22)

Os únicos que tinham acesso à educação eram os homens brancos e membros da alta sociedade. As mulheres, especialmente as negras e pobres, que serviam à sociedade, não tinham o direito de aprender a ler e escrever. Elas eram discriminadas e tinham acesso restrito à educação.

Com esforço e dedicação, essas autoras conseguiram acesso à educação e agora são reconhecidas, mencionadas e estudadas nas universidades. A origem e a escrita das autoras femininas afro-brasileiras são cruciais no mundo moderno. A escrita em si é chamada literatura negra porque é escrita por autores negros e referente a suas próprias experiências, relatando suas experiências em um mundo onde os negros, especialmente as mulheres negras, eram frequentemente silenciados. Além disso, a literatura de origem afro-brasileira centra-se no indivíduo negro, relatando suas próprias dores e angústias, bem como as poucas alegrias conquistadas ao longo de uma trajetória marcada por sofrimento. De acordo com Vasconcelos (2014),

[...] o espaço para publicações de textos de autoria feminina não existia. Muito lentamente esses espaços foram surgindo em jornais e revistas ditos femininos por sua circulação e temas limitados. (Vasconcelos, 2014, p. 22)

As mulheres negras foram silenciadas por muito tempo, e a escrita foi uma forma de se expressar. Isso foi visto na obra de Maria Firmino dos Reis, *Úrsula*, na qual ela expressou todo o sofrimento das mulheres negras e pobres, mas não colocou o personagem como o "coitado" da história. Além disso, temos Conceição Evaristo, que em sua obra *Olhos d'água*, retrata o racismo e o silenciamento que as mulheres negras enfrentam na sociedade por meio de seus personagens.

A literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares. Muitos pesquisadores e críticos literários negam ou ignoram a existência de uma literatura afro-brasileira (Evaristo, 2009, p. 27)

A literatura brasileira tem um histórico de representação social negativa em relação às pessoas negras, com estereótipos preconceituosos. Devido a esses estigmas, muitos escritores afro-brasileiros não receberam a mesma visibilidade nacional e continuam ausentes no mercado literário brasileiro.

Segundo Evaristo (2009, p. 27), "muitos pesquisadores e críticos literários ignoram a existência dessa literatura afro-brasileira". Isso é resultado de um passado de negligência em relação às obras de escritores afro-brasileiros. Nesse sentido,

Não há dúvida de que, por um lado, a ampliação da chamada classe média negra, com um número crescente de profissionais com formação superior buscando lugar no mercado de trabalho e no universo do consumo; e, por outro, a instituição de mecanismos como a lei 10.639/2003 ou as ações afirmativas, vêm contribuindo para a construção de um ambiente favorável a uma presença mais significativa das artes marcadas pelo pertencimento étnico afrodescendente. (Duarte, 2018, p. 01)

De acordo com Duarte (2018), com a lei 10.639/2003 houve uma maior valorização dos povos afro-brasileiros na formação educacional e de profissionais na sociedade brasileira. Embora esta Lei não seja voltada especificamente para a literatura, ela contribui diretamente para com a abordagem dessa temática relacionada à cultura negra na educação. Sobre a cor da pele, Almeida (2019, p. 21) menciona que "[...] a pele não branca e o clima tropical favoreceriam o surgimento de *comportamentos imorais, lascivos e violentos*, além de indicarem pouca inteligência".

Neste sentido, a cor da pele pode conceder privilégios a alguns indivíduos ou negar direitos de outros, de acordo com o racismo estrutural. Este racismo está

enraizado na sociedade moderna e utiliza padrões de discriminação baseados na cor e origem para separar pessoas em diferentes instituições, sociais, econômicas e políticas, permitindo que alguns indivíduos se comportem de forma hostil, prepotente e até mesmo violenta.

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. (Almeida, 2019, p. 33)

De acordo com Almeida (2019), o racismo é estrutural porque está presente em toda a sociedade, desde o sistema educacional até o judiciário. Com o tempo, estas disparidades raciais persistem nessas instituições, afetando tanto no mercado de trabalho como no sistema de saúde.

A desigualdade socioeconômica no Brasil é um exemplo claro deste racismo estrutural, pois pessoas de cor geralmente enfrentam condições financeiras precárias. Além disso, é comum notar que os negros estão mais inseridos no sistema judiciário (prisões). Sabe-se que pessoas de cor e de baixa renda são frequentemente acusadas e recebem sentenças mais severas do que pessoas brancas e de classe média alta.

3 O LIVRO DIDÁTICO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

O livro é um material didático de grande relevância para a sala de aula. Ele de cunho pedagógico, tradicional e provavelmente o mais utilizado nas escolas, pois serve de apoio para a aprendizagem e auxilia tanto professores quanto alunos. De certa forma, o livro didático funciona como um guia para o planejamento das aulas, sugerindo estratégias a serem seguidas com base na sequência de conteúdos apresentados no currículo escolar.

A importância do livro didático como principal instrumento pedagógico no processo de ensino e aprendizagem foi se solidificando ao longo dos anos, por causa de diversas circunstâncias históricas. (Azevedo, 2003, p. 01)

O livro didático desempenha um papel importante no processo de aprendizagem dos alunos e contribui significativamente para sua educação. Os livros didáticos são materiais elaborados para facilitar a compreensão dos alunos e, com a ajuda do professor, melhorar o entendimento dos conteúdos. Eles são elaborados de acordo com os conteúdos planejados e exigidos pela BNCC focando na melhor forma de facilitar a compreensão dos conteúdos da grade curricular. Além disso, os livros se

concentram nas necessidades dos professores e alunos dentro do ambiente escolar, servindo como um facilitador no trabalho de ensino do professor e do aprendizado do aluno. Eles fazem uma ponte entre o ensino e o aprendizado, conectando professores e alunos.

Observar-se que o livro didático proporciona um processo ensino-aprendizagem coerente e facilitador para o aluno, permitindo que o discente tenha contato direto com o material, enquanto o professor, em sala, media o conhecimento, promovendo um ensino de qualidade.

O Livro Didático, nas repartições de ensino público, é um instrumento útil tanto para os alunos quanto para os professores, pois fornece ao professor um recurso completo, geralmente ajudando a otimizar o tempo do professor para preparar as aulas. Brandão (2014), ressalta que o livro didático, na maioria das vezes, é o único material utilizado pelo professor e pelos alunos; portanto, o livro didático, traz essa facilidade, juntamente com as explicações do professor, promovendo um trabalho de grande excelência.

É de conhecimento geral que durante todo o ano letivo, existem vários conteúdos que devem ser discutidos na sala, e também se sabe que esses tópicos precisam ser discutidos de forma aprofundada e coerente. Com o livro didático em mãos, o professor se sentirá mais seguro em relação a como nortear o seu planejamento, indicando caminhos para atingir os objetivos do currículo nesse processo de ensino.

Para o enriquecimento da educação, é essencial que os educadores e aprendizes se envolvam nesse processo de ensino-aprendizagem. É essencial dispor ainda de ferramentas para facilitar o ensino-aprendizagem. Assim como, livros didáticos são excelentes ferramentas educacionais, se planejados e usados corretamente. Eles colaborarão com o professor no planejamento de seu projeto pedagógico e oferecerão uma rede de apoio para o aprendiz. Além disso, os livros reúnem matérias cientificamente corretas e confiáveis, são organizados conforme a idade do aluno e escritos numa linguagem adequada, suficiente e aberta.

Este material didático serve para orientar os alunos na aprendizagem e garantir uma melhor absorção do conteúdo, pois fornece uma estrutura básica para as atividades realizadas nas salas de aula. No entanto, vale ressaltar que o livro

didático é apenas uma ferramenta, e o professor pode usá-lo com sucesso para atingir seus objetivos.

O livro didático chegou ao Brasil no início do século XIX, mas só adquiriu uma nacionalidade e internacionalização em 1990, quando foi promulgada uma política de distribuição de livros aos estudantes da escola pública.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), criado em 1985, foi apenas efetivado após a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº. 9394 em 1996, depois de tomadas as medidas iniciais que visaram à aquisição e distribuição de livros para os alunos do ensino fundamental. (Bittencourt, 2020, p.10)

Em 1985, o Ministério da Educação criou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) com o propósito de fornecer aos professores assistência para a realização de suas atividades pedagógicas. O PNLD consiste no fornecimento de livros destinados à educação infantil e ao ensino fundamental para crianças matriculadas nas escolas públicas. O livro didático tem sido usado como ferramenta de ensino ao longo do tempo. Ainda hoje, continua a ser o principal recurso do ensino público nas instituições escolares. O Livro Didático constitui também um fator estratégico para avaliar a qualidade da educação fornecida, e sua presença constante é considerada um componente essencial da rotina escolar.

Portanto, não deixa de ser verdade que, ao longo do tempo, os livros fornecidos nas escolas públicas foram aprimorados para que os alunos possam entrar em contato com a língua enquanto lêem um texto.

O livro didático é avaliado como um material sistemático de cunho pedagógico, preparado para auxiliar a comunidade escolar no processo de ensino-aprendizagem. É considerado uma fonte de informações educacionais organizada para auxiliar o professor e o aluno em sala de aula nas suas interações educacionais, possibilitando ensinar conteúdos para a formação no mundo contemporâneo. (Ecar e Santos, 2022, p. 03)

Embora seja um instrumento disponibilizado pelo governo e um recurso destinado ao professor no auxílio ao ensino, o livro didático é um material físico que está entre o professor e o aluno, podendo ser usado de várias maneiras para formar o conhecimento. Também se pode argumentar que os livros didáticos são um objeto de uso permanente para o aprendizado, uma vez que as informações fornecidas nos livros são descritas com figuras e ilustrações. A perspicácia e o interesse dos alunos,

ou a atenção deles, serão atraídos, o que pode excitar ou despertar sua curiosidade e real interesse pelo conhecimento. Os alunos podem usar o livro para trabalhar a leitura e fazer dinâmicas em grupos.

4 LITERATURA E REPRESENTATIVIDADE

Para Candido (2006), a literatura tornou-se mais diversificada e inclusiva com as novas tendências, valorizando novas vozes e escritores que antes não pertenciam ao “padrão” de escritores.

As novas tendências literárias acentuam o caráter comunicativo da palavra, surgem escritores que não dependem da Faculdade de Direito. A literatura e os escritores se integram na comunidade. Como a sociedade é de classes, constitui-se uma literatura convencional, ajustada aos padrões de refinamento e inteligibilidade da classe dominante, cujo prestígio garante a sua difusão pelas outras camadas. (Candido, 2006, p.173)

A saída do tradicionalismo ocorreu graças ao benefício adicional das novas narrativas que foram integradas à literatura, agregando benefícios e relevância. Em particular, a literatura contribuiu significativamente para a integração e a introdução de mais narrativas representativas, o que é benéfico porque as histórias representam sociedades e devem refletir a variedade de vozes e experiências presentes nela. Ao ler os livros, os alunos se interessam por seus personagens, conectando-se a eles e preferindo personagens que expressam sua própria identidade e experiência de vida. Isso contribui para a aprendizagem, apoiando suas próprias perspectivas e ajudando a avaliá-las.

Ao longo da literatura tradicional, a narrativa concentrou-se nos grupos dominantes de pessoas, frequentemente ignorando ou estereotipando minorias, grupos raciais, étnicos e de gêneros sexuais. De fato, necessário reconhecer a relevância de incluir uma maior variedade de vozes na literatura. Autores contemporâneos apresentam suas obras com uma riqueza em experiências humanas se destacando independente da origem. Ao longo a literatura passou por um renascimento.

Essa diversidade literária é crucial em todos os aspectos da vida literária. Não apenas ajuda os leitores a se sentir representados ou descobrir realidades alternativas que os envolva e os representem por meio do gênero ou da orientação sexual, mas também ela permite o progresso do diálogo social e o desenvolvimento de uma sociedade com um plano igualitário.

Ademais, a representatividade na literatura tem a proeza de influenciar outras formas de arte e mídia, promovendo uma perspectiva cultural mais inclusiva e amena em questão. Pode-se afirmar que, ao endossar a variedade da literatura, avançamos em direção à justiça social.

[...] representatividade institucional, não apenas como a presença de integrantes de minorias em funções de Estado ou em atividades político-partidárias. Enfim, o que chamamos de representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação e a academia. (Almeida, 2019, p. 67)

A representação de minorias em locais que anteriormente eram dominados por um grupo específico, como nas universidades e nos meios de comunicação, é um avanço significativo na luta contra as desigualdades, o racismo e outras formas de discriminação.

A ausência de representatividade negra na literatura reflete o racismo estrutural e as desigualdades históricas que existem na sociedade. Diversos fatores contribuem para essa discrepância, que são as barreiras institucionais e a perpetuação de estereótipos culturais.

Historicamente, as vozes negras foram excluídas dos espaços literários e educacionais. Durante anos, indivíduos de grupos dominantes (brancos e de classe média alta) comandavam as instituições de ensino e as publicações literárias, e eles frequentemente ignoravam ou desvalorizavam as contribuições de escritores negros. De acordo com essas situações supracitadas, existe uma pesquisa feita pela revista CULT que traz embasamentos para este assunto.

Em uma publicação em 2018 da revista CULT, de pesquisas realizadas por um grupo de estudos da Universidade de Brasília, supervisionado pela professora de literatura brasileira, Regina Dalcastagnè, mostra que durante cerca de 43 anos, o perfil dos escritores brasileiros com grandes publicações era homens brancos de classe média, nascidos nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Em relação às personagens, a maioria também são homens brancos, de capitais e classe média.

De acordo com a revista, foram analisadas cerca de 692 obras de um total de 383 autores em três épocas diferentes, de 1965 a 1979; de 1990 a 2004 e de 2005 a 2014.

Se olharmos para o período, de 1965/1979 a 1990/2004, há uma evolução significativa, por exemplo, no número de mulheres

publicando. Mas é impressionante como há uma barreira para a questão da autoria negra. [...] (Massuela, 2018, p.15)

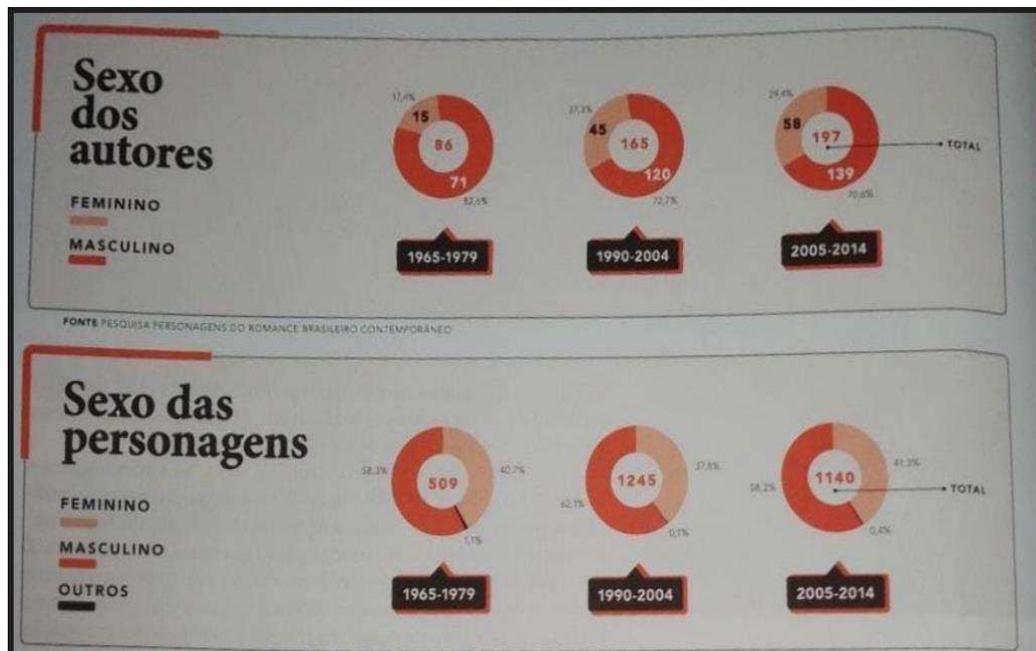
As pesquisas mostram que, embora tenha ocorrido um aumento no número de romances escritos por autoras femininas, não houve um aumento substancial no número de personagens femininas. No entanto, o que preocupa é a ausência de homens e mulheres negras tanto nos autores quanto nos personagens dessa área literária. Em uma entrevista para a revista CULT

[...]Dalcastagnè atribui esse desequilíbrio ao próprio campo literário, que produz um ciclo vicioso de publicações homogêneas, escritas do ponto de vista de uma classe média autor-referente e “entediante”. (Massuela, 2018, p. 14)

Na maioria desses setores editorial, costumam publicar livros que já possuem uma grande aceitação no mercado, com temas relativamente semelhantes e perfis de autores comparáveis à concorrência. Com isso, estão mostrando ao público quem são considerados os escritores de literatura brasileira.

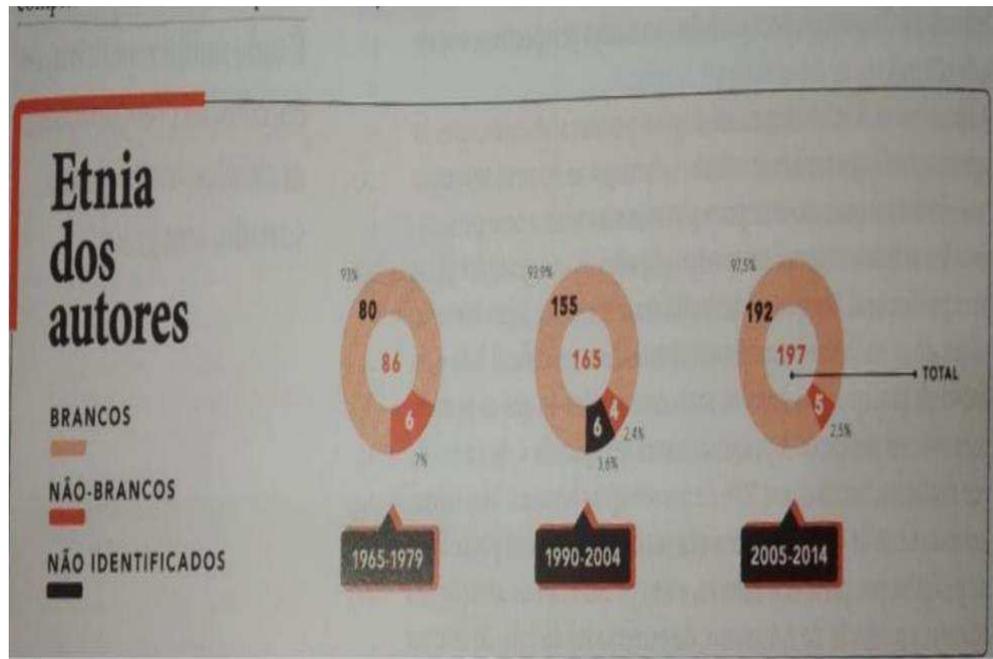
Segue abaixo uma imagem dos gráficos, publicados pela revista CULT em 2018.

FIGURA 1: representação gráfica do percentual de autores e personagens masculinos e femininos.



Fonte: Cult (2018)

FIGURA 2: representação gráfica da etnia dos autores que lideraram as grandes publicações nos períodos pesquisados.



Fonte: Cult (2018)

Os gráficos mostram que a maioria dos autores são brancos e do sexo masculino. Os personagens, que representam uma média de quase 42% de personagens femininas em todos os períodos da pesquisa, mostram uma pequena variação na equivalência de igualdade nos gráficos. Como resultado dessa marginalização, estabeleceu-se um cânone literário que raramente incluía obras de autores negros, o que deixou um grande espaço vazios para as experiências representadas pelas vozes negras.

Tendo até aqui percorrido sobre os elementos teóricos que compuseram este estudo, apresentarei a seguir, a metodologia utilizada para esta investigação e como os dados serão analisados.

5 METODOLOGIA

A proposta metodológica utilizada teve como base uma pesquisa bibliográfica descritiva de cunho qualitativo e quantitativo. O quarto volume da coletânea do Ensino Fundamental selecionada para constituição do *corpus* foi Língua Portuguesa: "A Conquista" da FTD, das autoras Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho. Esta coletânea foi escolhida por ser mais aceitável nas escolas da rede pública, considerada mais completa de acordo com as especificações. A coleção é

destinada a alunos do ensino fundamental, tendo em vista que o livro didático será o objeto de estudo.

Para a revisão bibliográfica, baseia-se nos estudos de Almeida (2019); Evaristo (2009); Rocha (2021); Silva (2017); Vasconcelos (2014); dentre outros, buscou compreender a relevância da presença de autoras negras no livro didático dentro da sala de aula.

5.1 Contextualizando a pesquisa

Para este estudo, implementou-se uma abordagem de cunho quali-quantitativa descritiva que, segundo Sousa, Oliveira, Alves (2021, p. 65):

A pesquisa científica é iniciada por meio da pesquisa bibliográfica, em que o pesquisador busca obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema problema da pesquisa a ser realizada. (Sousa, Oliveira, Alves, 2021, p. 65)

Para Sousa, Oliveira, Alves (2021), a pesquisa bibliográfica refere-se ao tipo de pesquisa em que se registram e descrevem as descobertas, com foco na pesquisa documental e bibliográfica, sendo crucial para a construção de um trabalho científico bem elaborado, uma vez que possibilita obter um leque de materiais voltados para o estudo que se pretende desenvolver.

Desse modo, este estudo trata-se de um projeto bibliográfico, voltado para a área literária, com foco na representatividade da figura feminina negra enquanto autoras nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental II.

A pesquisa quantitativa é baseada na medida (normalmente numérica) de poucas variáveis objetivas, na ênfase em comparação de resultados e no uso intensivo de técnicas estatísticas. (Wainer, 2007, p. 05)

Consiste em uma pesquisa quali-quantitativa, pois, através da análise dos livros, visa qualificar e quantificar a presença de textos das autoras negras presentes nos livros da coleção citada anteriormente. Pesquisa quantitativa é um método de pesquisa utilizado para a coleta de dados estatísticos com o objetivo quantificar uma questão/problema e entender a dimensão deste. Os métodos de pesquisa quantitativo e qualitativo não se anulam, mas, contribuem para o entendimento dos aspectos essenciais do estudo, auxiliam no processo de qualificar e quantificar os resultados.

5.2 Procedimentos metodológicos

O foco desta pesquisa serão os quatro livros didáticos de língua portuguesa da coleção completa *A Conquista*, publicado em 2022 pela editora FTD.

Além da coletânea, optou-se pela análise documental (artigos, teses e monografias), que pode ser considerada uma fonte confiável de coleta de dado, também se recorreu a uma pesquisa de campo, na qual foi realizado uma pesquisa/diálogo com alguns alunos da referida escola, com o objetivo de obter informações acerca do conhecimento dos alunos, sobre a existência da literatura negra.

Com autorização da direção da escola e do professor da turma, foi realizada uma roda de conversa com os alunos, utilizando slides para apresentar textos e fotos como exemplos para a turma do 7º ano, da Escola Municipal Instituto Fundamental Batista da cidade de Governador Newton Bello, Maranhão.

6 ANALISE DE DADOS

Nesta sessão, será apresentado o material da pesquisa e análise organizada sob dois eixos: pesquisa de campo na instituição, com o intuito de obter informações acerca do conhecimento dos alunos sobre literatura negra, e a análise da coleção dos livros de língua portuguesa, objetivando identificar a representatividade de autoras negras e compreender a forma que as mesmas são citadas nos respectivos livros.

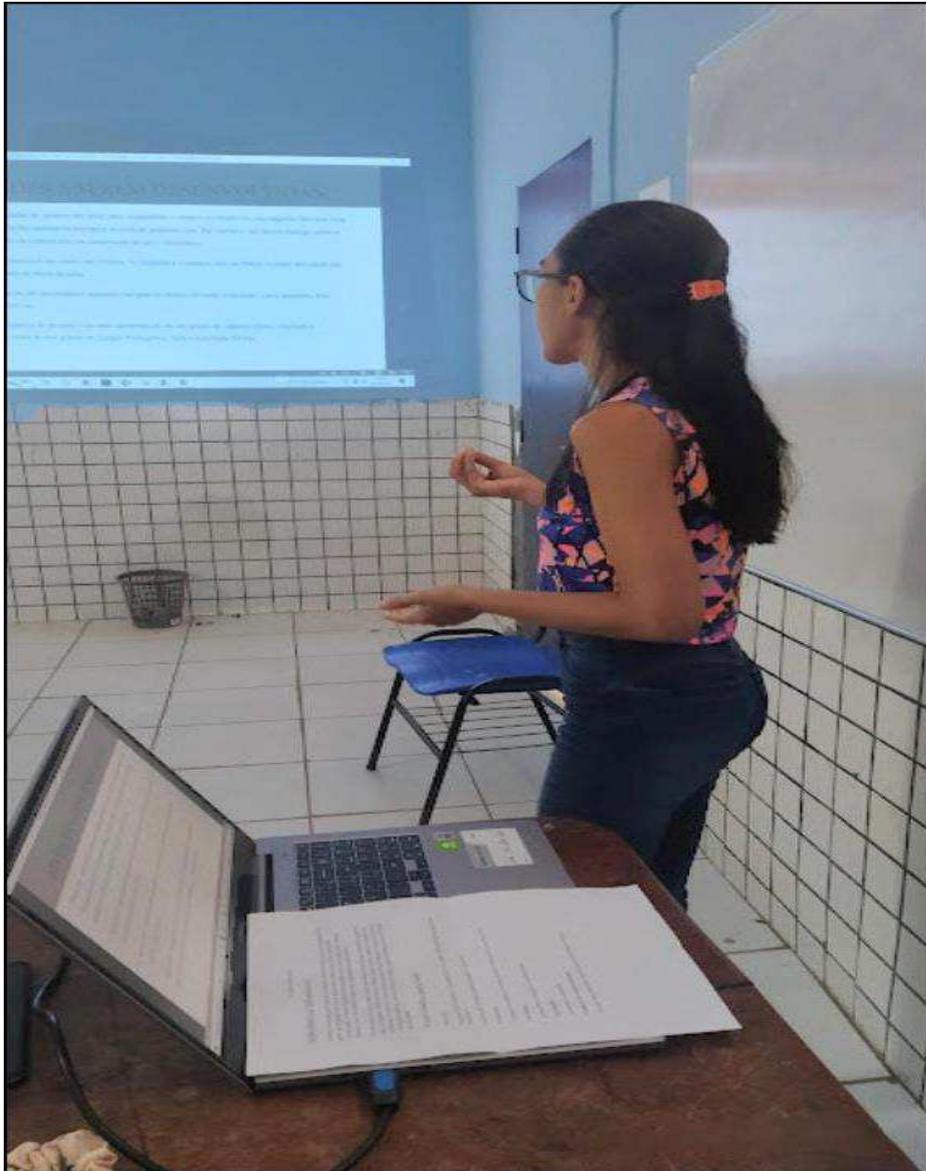
A observação de cada um dos livros da coletânea foi realizada minuciosamente. Os livros didáticos utilizados são da coleção *A Conquista*, das autoras Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho, publicados em 2022. O sumário foi examinado primeiro, seguido de cada módulo e seus respectivos capítulos.

A princípio, foi realizado um levantamento para identificar o grau de informação que a turma tinha sobre a presença de autoras negras na literatura, se tinham algum conhecimento sobre a literatura afro-brasileira ou se conhecem algum trabalho que retratasse a literatura negra.

Para surpresa desta autora, cerca de 80% da turma composta por 35 alunos, não tinham conhecimento prévio do assunto abordado. Embora a literatura negra tenha crescido em popularidade e inclusão no cânone literário com o tempo, ela ainda é pouco mencionada durante o ensino básico dos alunos.

A palestra foi bem-sucedida, apesar da desinformação dos alunos, e ao mesmo tempo, forneceu informações suficientes para continuar a pesquisa. Segue a imagem da pesquisa de campo.

FIGURA: 3: Foto da palestrante



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024)

FIGURA 4: Registro dos alunos da turma durante a palestra



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024)

Ao longo da palestra, o assunto da pesquisa foi abordado em detalhes, bem como alguns dos autores negros que temos em nossa literatura. Foram apresentadas a eles escritoras como Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Sueli Carneiro, assim como algumas obras, como o livro de contos *Olhos D'Água*. Além disso, foi apresentado o livro *Quem tem medo do feminismo negro?*

O livro narra a infância da autora, como menina de cor, em um país onde o racismo é prevalente, mas a autora frequentemente se nega a aceitar. Os relatos são emocionantes, reais e cheios de detalhes.

A narrativa do livro é escrita como um extenso ensaio autobiográfico da autora. Ela finalmente deixou de querer se esconder ao trabalhar na Casa de Cultura da Mulher Negra, onde encontrou autoras que a fizeram sentir orgulho de suas raízes.

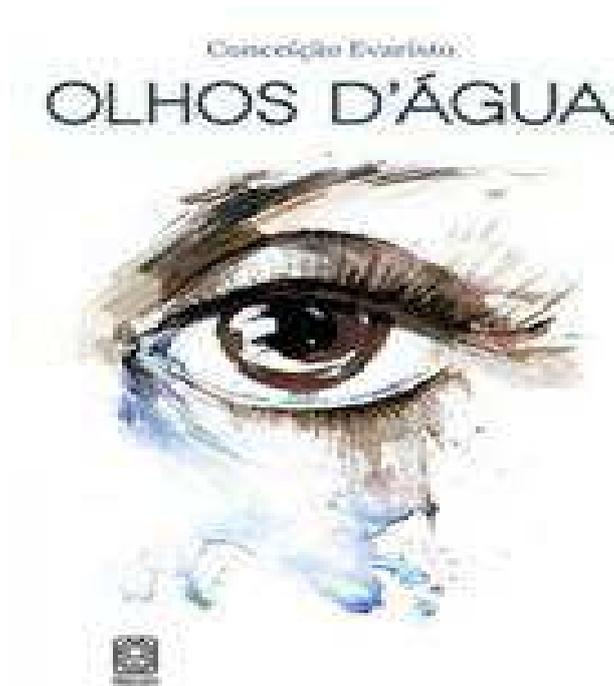
FIGURA 5: imagem do livro Quem tem medo do feminismo negro?



Fonte: Ribeiro (2018)

Além do livro de Ribeiro (2018), também foi apresentado a eles o livro de contos *Olhos D'Água*, de Conceição Evaristo (2014), que reúne um repertório de contos que dá voz às experiências de personagens que são marginalizados e esquecidos pela sociedade. Os quinze contos do livro abordam a violência urbana que afeta a população negra brasileira.

FIGURA 6: imagem do livro olhos d'água



Fonte: Evaristo (2014)

Desses 15 contos que compõe o livro, a história de Maria foi escolhida para ser contada aos alunos. Trecho a seguir:

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. [...]O preço da passagem estava aumentando tanto! [...] No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. [...] Ganhara as frutas e uma gorjeta. [...] A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. [...] Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam de gêmeos, e da alegria dele. [...]Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. [...]? Como vai o menino? cochichou o homem. [...]O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. [...] Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E, logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. [...]O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. [...]O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. [...]

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei por quê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembravam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os

ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. [...]

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. [...]

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho. (Livro Olhos d'Água, 2018, p. 41)

O conto "Maria" faz parte do livro *Olhos d'Água*, da escritora Conceição Evaristo. A narrativa desse conto aborda temas como resiliência e maternidade. Maria, mulher negra, vive em uma comunidade periférica. Sua vida não é apenas marcada por dificuldades e privações, mas também por uma força inabalável e um amor profundo por seus filhos. A autora descreve Maria com delicadeza e profundidade, explorando suas relações familiares, bem como as lutas que ela enfrenta todos os dias, mostrando a opressão e as injustiças sociais que ela enfrenta.

Evaristo cria uma personagem complexa que representa a resiliência e a perseverança das mulheres negras. Os sentimentos de dor e esperança permeiam o conto, demonstrando a capacidade de Maria de encontrar força em diferentes situações.

O conto Maria se destaca por sua habilidade de emocionar e provocar reflexões sobre questões sociais significativas. Ela é um exemplo notável da literatura de Conceição Evaristo e de seu compromisso com a conscientização e o reconhecimento das experiências das mulheres negras.

No que diz respeito a análise dos livros selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa, acredita-se que, no âmbito da educação básica, em relação a representatividade, deixa a desejar, uma vez que não é possível encontrar textos de autoria feminina negra.

6.1 Livros de Língua Portuguesa 6º e 7º ano

Ao analisar o livro do 6º ano, observa-se que ele é dividido em sete módulos. Cada módulo contém partes adicionais, como os capítulos e os mesmos são

subdivididos. Os módulos são padronizados, cada um possui dois capítulos e seus segmentos.

FIGURA 7: Capa do livro de língua portuguesa 6º ano



Fonte: Beltrão e Gordilho (2022)

Durante a análise, foi possível encontrar neste livro, uma passagem sobre Tereza de Benguela, que foi encontrada em uma atividade sugerida no terceiro módulo do livro intitulado "Caminhos da Cultura", no capítulo 2 do Cordel.

O contexto para o texto é:

“Os textos selecionados em Atividades, de Por dentro da língua, contribuem para dar visibilidade à participação, em espaços de liderança no poder e em diferentes trabalhos, de mulheres afrodescendentes – historicamente deixadas à margem da sociedade brasileira. A valorização desse grupo visa a promover nos estudantes os valores necessários para que atuem de maneira ética e cidadã em prol da construção de uma sociedade mais igualitária e democrática”. (Texto retirado do livro do professor) (Beltrão e Gordilho, 2022)

FIGURA 08: Imagem tirada do livro do 6º de língua portuguesa



Fonte: Beltrão e Gordilho (2022)

Teresa Benguela ou “Rainha Tereza”, foi casada com José Piolho, líder quilombola do século XVIII, que se destacou como uma figura emblemática da resistência negra no Brasil colonial. Ela se tornou a rainha do Quilombo do Quariterê, localizado na região que hoje corresponde a Mato Grosso.

“Rainha Tereza” assumiu a liderança do Quilombo após a morte de seu marido, José Piolho, e liderou a comunidade negra e indígena com grande habilidade. O quilombo do Quariterê, liderado por ela, tornou-se um local de resistência e liberdade, abrigando mais de cem pessoas, negros fugidos da escravidão, bem como indígenas e outras pessoas marginalizadas pela sociedade.

Além disso, no segundo capítulo do terceiro módulo da mesma atividade, há também um texto que aborda a figura de Luísa Mahin. Contexto para o texto:

“Recomenda-se trabalhar a atividade 1 a partir da leitura completa dos trechos, que pode ser feita em grupo, em voz alta, ou com alternância entre os estudantes. Esse pode ser um bom momento para valorizar a história de vida de mulheres negras e destacar seu protagonismo na história do Brasil. Recomenda-se também explorar com os estudantes a questão da concordância nominal em situações formais de uso – como é o caso dos textos apresentados na atividade. Caso seja possível notar, ao longo da

leitura, desvios de concordância realizados pelos estudantes, sugere-se levá-los a pensar sobre como é comum, em algumas modalidades orais e em situações mais informais, os falantes deixarem de fazer uma ou outra concordância”. (Texto retirado do livro) (Beltrão e Gordilho, 2022)

FIGURA 09: imagem tirada do livro do 6º de língua portuguesa



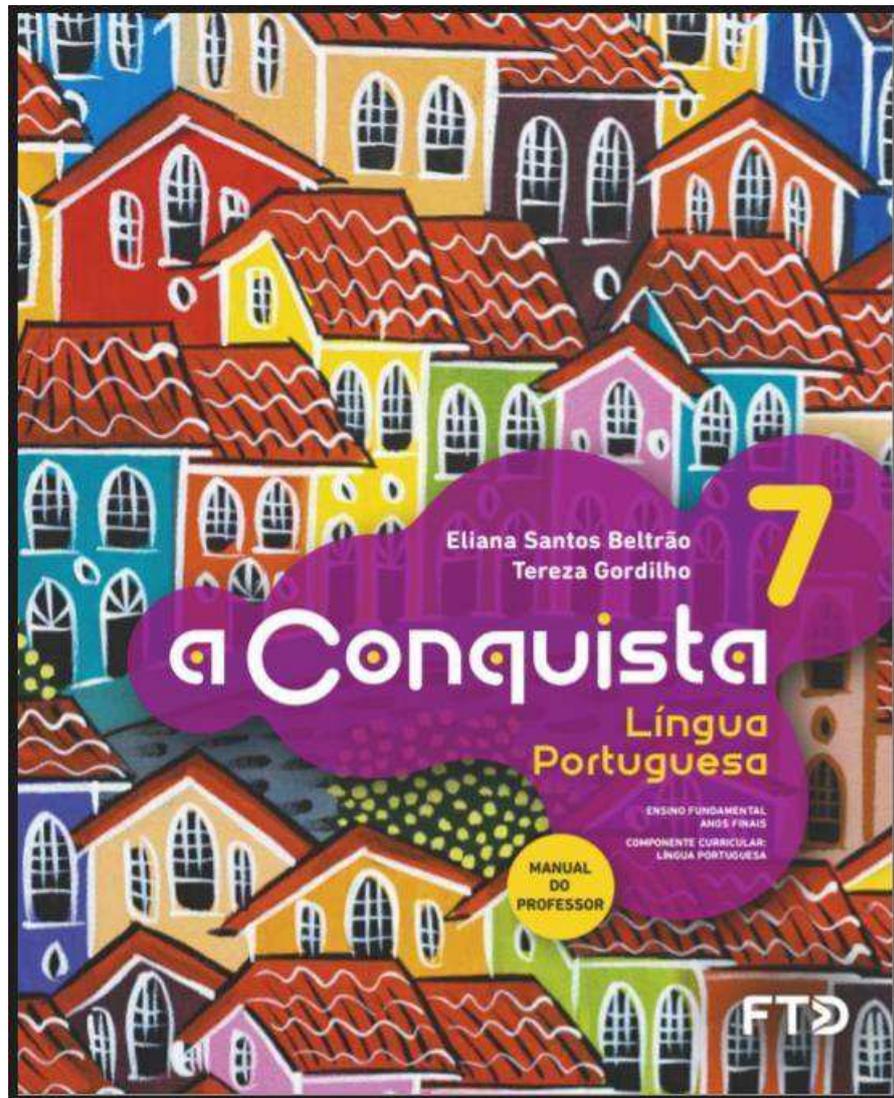
Fonte: Beltrão e Gordilho (2022)

Luíza Mahin foi uma mulher inteligente e rebelde, e ela foi uma figura importante da resistência negra no Brasil. Ela ficou conhecida por participar das revoltas negras mais importantes de Salvador em meados do século XIX.

Ela teve um papel significativo na Revolta dos Malês, na Bahia. Existe também a possibilidade de sua participação em várias outras rebeliões, incluindo o fato de ter sido uma das líderes da Sabinada em 1837.

Já o segundo livro a ser observado, livro do 7º ano, assim como o primeiro a ser mencionado, é dividido em sete módulos. Cada módulo contém outros segmentos, como os capítulos, que são subdivididos. Os sete módulos são uniformes, e cada um possui dois capítulos e seus segmentos.

FIGURA 10: Capa do livro de língua portuguesa do 7º ano



Fonte: Beltrão e Gordilho (2022)

Não foi possível encontrar textos ou autores negros no segundo livro analisado da coleção de língua portuguesa do 7º ano. No entanto, é possível encontrar outros autores, como Medeiros e Albuquerque, com seu livro “*Se eu fosse Sherlock Holmes*”; Ariano Suassuna, com seu trabalho “*Auto da Compadecida*”, embora esteja no livro na versão que foi adaptada para o filme; e Malala Yousafzai e Christina Lamb, com seus trabalhos.

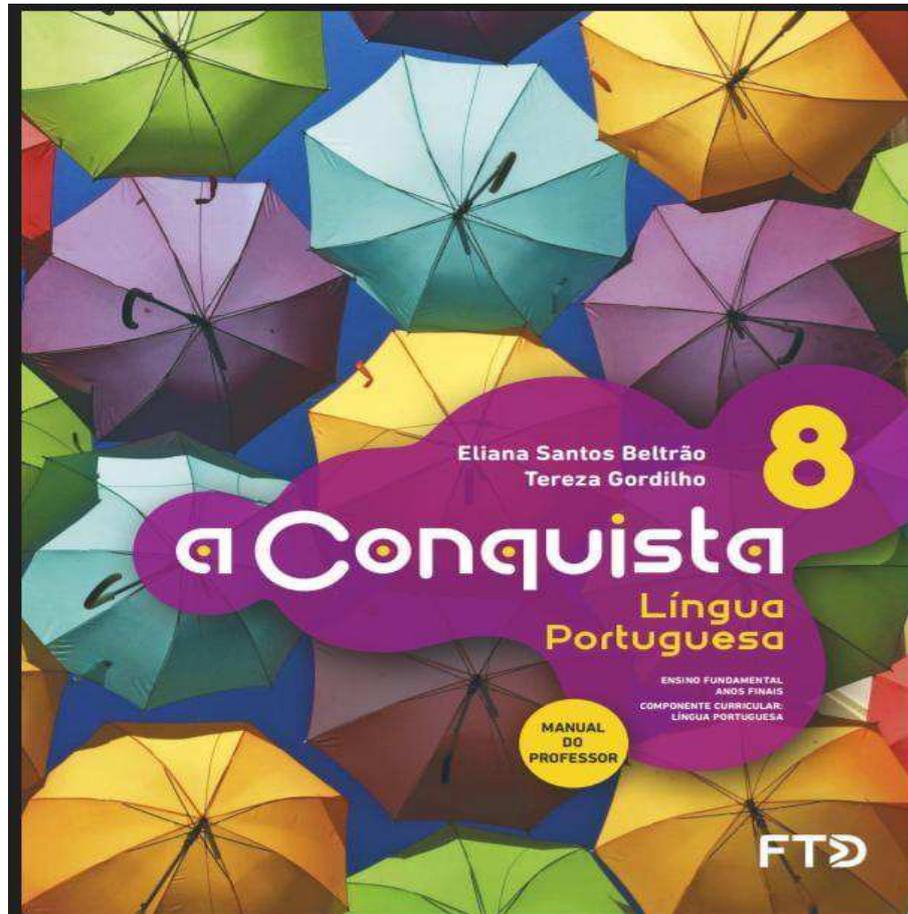
6.2 Livros de Língua Portuguesa 8º e 9º ano

O terceiro livro a ser observado, destinado ao 8º ano, assim como os demais livros analisados, é dividido em 7 módulos. Cada módulo contém partes

adicionais, como capítulos e divisões. Os 7 módulos são padronizados, e cada um possui 2 capítulos e seus segmentos.

Imagens a seguir:

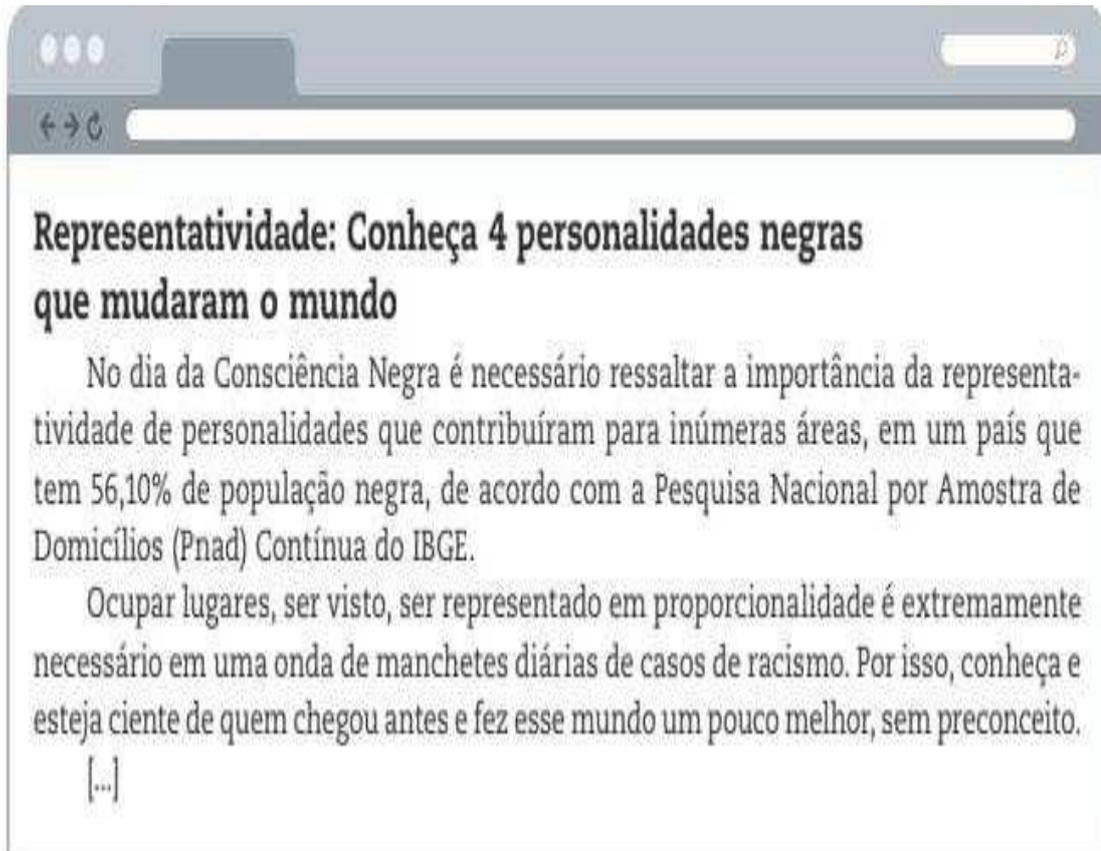
FIGURA 11: Capa do livro de língua portuguesa do 8º ano



Fonte: Beltrão e Gordilho, 2022

Ao analisar o livro do 8º ano, da coleção, textos foram encontrados dentro de uma atividade, assim como no livro do 6º ano. No segundo capítulo, intitulado *Letra de canção: rap*, no módulo 2 que se chama poesia e protesto.

FIGURA 12: Imagem tirada do livro do 8º de língua portuguesa



Fonte: Beltrão e Gordilho (2022)

O primeiro texto foi exposto para representar o Dia da Consciência Negra e propôs uma atividade para discutir a maneira negativa pela qual a população afrodescendente é retratada nos meios de comunicação e na mídia. O intuito é que, ao observar as fotos, os alunos percebam a importância de considerar a contribuição de negros em vários tipos de ocupação e áreas de autoridade, como o ambiente acadêmico, além da escrita e em trabalhos relativos à intelectualidade e à reflexão.

O segundo texto é uma breve biografia da escritora Carolina Maria de Jesus, representando a população negra.

Carolina Maria de Jesus, foi uma poetisa e escritora brasileira. O livro mais conhecido dela é *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. Carolina viveu uma vida extremamente pobre e marginalizada. Na década de 1930, mudou-se para São Paulo e viveu na favela do Canindé. A comunidade em que ela morava possuía condições precária, onde as pessoas viviam em situações difíceis e sem acesso a serviços básicos. Ela começou então a escrever sobre as dificuldades e desigualdades sociais que ela vivia todos os dias. Seu livro foi traduzido para várias línguas e marcou os leitores ao redor do mundo.

A obra oferece uma visão única. O livro proporcionou um avanço significativo ao mostrar de uma forma forte e individual a perspectiva de uma mulher negra e pobre e como ela passou fome, sofreu violência e discriminação.

FIGURA 13: Imagem tirada do livro do 8º de língua portuguesa. Pag. 92

Carolina Maria de Jesus

Nascida em 1914 em Sacramento, Minas Gerais, Carolina veio para São Paulo, onde trabalhou como doméstica e catadora de papel.

Na escrita, a catadora relatava diariamente como era ser moradora da favela na década de 30.

O jornalista Audálio Dantas ao fazer uma reportagem nesta favela, a encontrou e leu seus 35 diários, produzindo mais tarde, o livro: *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. A obra vendeu mais de 100 mil exemplares em 40 países e foi traduzida em 13 línguas.

[...]



► Carolina Maria de Jesus. Fotografia de 1960.

Fonte: Beltrão e Gordilho (2022)

Apesar de sua renomada escrita, Carolina aparece pouco no livro de língua portuguesa. Esta autora acredita que Carolina Maria de Jesus merecia mais atenção por ser uma autora conhecida e significativa para a literatura afro-brasileira. Assim como demais escritoras, como Mel Duarte; Paulina Chiziane; Bell Hooks e diversas outras autoras.

O terceiro texto é uma matéria de um jornal na qual o jornalista conheceu a escritora e seus textos, além dos cadernos que ela estava escrevendo.

FIGURA 14: Imagem retirada do livro do 8º de língua portuguesa

SAIBA MAIS

Em 1958, o jornalista Audálio Dantas fez uma matéria jornalística sobre a favela do Canindé e lá conheceu Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e os cadernos em que ela escrevia contos, poesias, romances e diário. Foi esse diário, iniciado em 1955, que chamou a atenção do jornalista e que ele utilizou trechos, em 1958, para publicar a matéria. Nascia, então, uma parceria entre ele e a futura escritora. Dois anos depois, em 1960, a partir dos registros de Carolina nesses cadernos, o livro intitulado **Quarto de despejo: diário de uma favelada** foi lançado, alcançando, no mesmo ano, cem mil cópias vendidas. Nessa obra, Carolina relata seu próprio cotidiano como catadora de papel e o que faz para sobreviver e criar seus filhos em um local de extrema pobreza onde vive.

No ano de 1961, Carolina de Jesus lançou um disco de título homônimo ao livro, interpretando doze canções de sua própria autoria. Além disso, em 1963, escreveu o romance **Pedaços da Fome** e o livro **Provérbios**.



► Capa de edição comemorativa do livro **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2021.

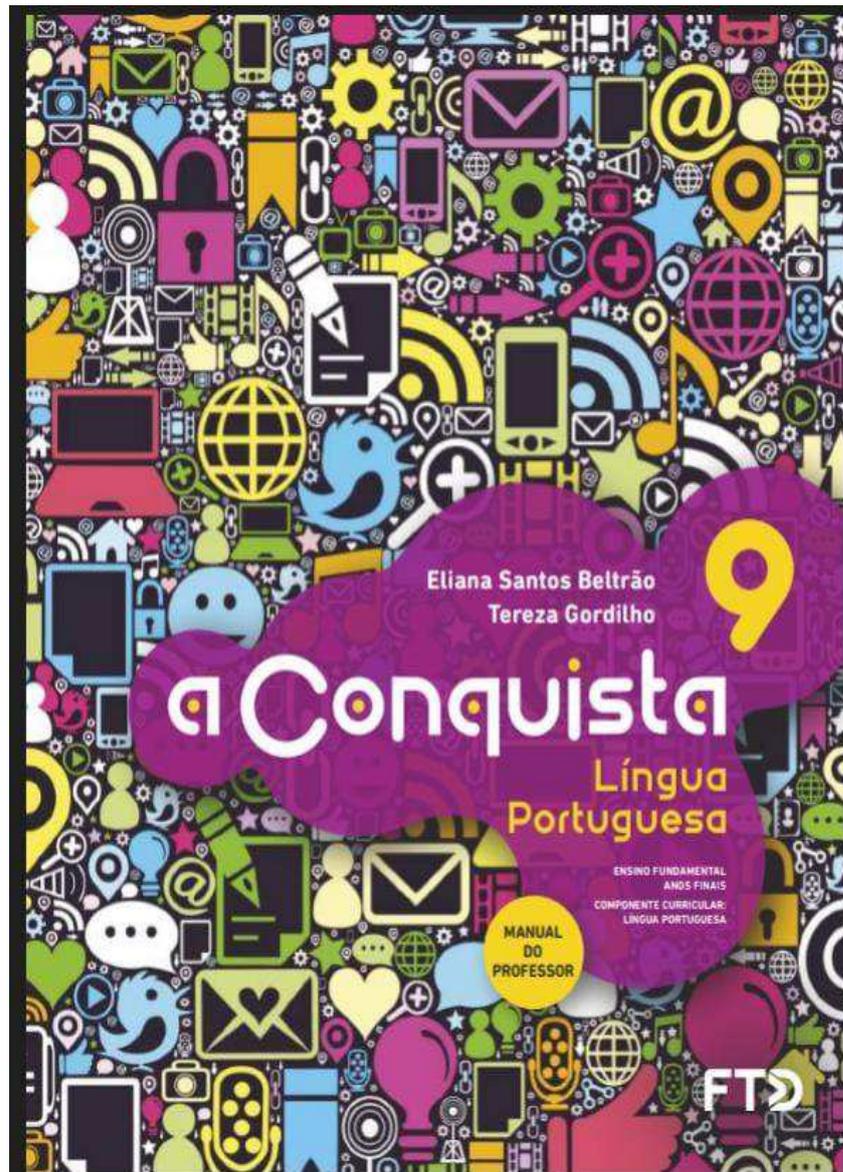
Fonte: Beltrão e Gordilho (2022)

A narrativa de Carolina Maria de Jesus tornou-se uma referência para a literatura brasileira, e a escritora uma batalhadora. Após a publicação do livro, surgiu uma discussão acalorada sobre a pobreza, racismo e ação social.

O livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* foi publicado pela primeira vez em 1960. É um relato autobiográfico que apresenta as duras realidades da vida na favela de São Paulo na década de 1950.

O *Quarto de Despejo* não é apenas um diário comum; é um documento histórico e social que desafia o leitor a confrontar a realidade das desigualdades sociais do Brasil. A autora, Carolina Maria de Jesus, que não possuía formação acadêmica, tem um poder de observação incrível e uma habilidade literária impressionante que ela apresenta com clareza e emoção, a sua própria quanto a dos outros.

FIGURA 15: Capa do livro de língua portuguesa do 9º ano



Fonte: Beltrão e Gordilho (2022)

No livro de língua portuguesa do 9º ano, ao contrário dos livros do 6º e 8º ano, bem como do 7º ano, não há textos ou autores nacionais que representem os escritores afro-brasileiros.

Entretanto, assim como nos outros três livros analisados, a única coisa que deixa prevalecer ainda é a presença constante, na maioria dos livros, de autores brancos, tanto nacionais quanto estrangeiros. Afinal de contas, as decisões tomadas por indivíduos sobre o padrão de autores e obras que devem ser incluídas nos livros, não fazem parte de uma diversidade social. Geralmente, essas decisões, reforçam a

crença de que os escritos de autores brancos são de fato os únicos a pertencer a literatura, elas não devem ser consideradas indicações para além daqueles círculos.

Segundo Evaristo (2009), muitos estudiosos e críticos discordam da existência da literatura afro-brasileira. Isso ocorre pela falta de visibilidade e reconhecimento dos escritores afro-brasileiros em decorrência das inúmeras razões incluindo as históricas, sociais e culturais. Historicamente, a população negra foi privada do acesso à educação formal e à publicação de livros. Uma vez que o país passou por longos períodos de segregação racial e escravização. Esses fatores afetaram significativamente o desenvolvimento e reconhecimento nacional de intelectuais negros.

Da mesma forma, por um longo período de tempo, os padrões eurocêntricos dominaram o campo editorial e acadêmico, o que resultando na priorização da produção de autores brancos em detrimento de outras vozes. Isso pode ser demonstrado não apenas no conteúdo, mas também na composição dos autores de livros didáticos, que, em grande parte, tendiam ao ocidentalismo e ignoravam ou desvalorizavam as contribuições dos autores negros.

7 CONCLUSÃO

Diante dos livros analisados nesta pesquisa, constatou-se que os escritos encontrados nos livros didáticos são, em sua maioria, de autores masculinos, principalmente brancos, como o americano Jessef Holland, o escocês Robert Louis Stevenson, o brasileiro André Carneiro.

Apesar de terem contribuído significativamente para a literatura, nos livros analisados, essas autoras afro-brasileiras, não recebem o reconhecimento e a atenção merecida. Isso ocorre devido às estruturas educacionais que frequentemente perpetuam e refletem o racismo institucional. Os autores negros enfrentam desafios significativos quando se trata de publicar, distribuir e incluir suas obras nos livros. Isso leva a uma representação desproporcionalmente baixa de suas vozes na literatura e nos materiais educacionais.

O livro didático é considerado um conjunto de materiais pedagógicos destinados a apoiar o processo de ensino-aprendizagem, no *corpus* analisado, os livros carecem de ter conteúdo escrito por escritoras negras que sejam positivas e representem a população negra.

Visto que os negros geralmente são representados nos livros de formas preconceituosas, como submissos e escravos, mesmo depois de anos de lutas para serem aceitos e valorizados pela sociedade. Ao apropriar-se de suas identidades após serem apagadas por séculos, as mulheres ganharam a chance de ocupar cargos que antes eram exclusivos dos homens, em escolas, na literatura, na política e em outras áreas.

Existem atualmente autoras negras notáveis na literatura nacional, como Maria Firmina dos Reis, Mel Duarte, Carolina Maria de Jesus, Ryane Leão, Conceição Evaristo, Djamilia Ribeiro, que denunciam as injustiças, opressões e desigualdades que os negros têm sofrido ao longo dos anos. Essas autoras chamam a atenção para o ocultamento e a vulnerabilidade que enfrentam as mulheres negras na sociedade.

As classes dominantes brancas sempre detiveram a prevalência quando se trata da educação formal, especialmente nos países ocidentais. Durante muitos séculos, uma minoria privilegiada, principalmente homens brancos, teve acesso à educação e à produção literária. O cânone literário e acadêmico foi moldado por essa soberania, criando uma tradição que persiste até hoje.

A título de exemplo, cito alguns dos autores brancos, que reafirma o exposto acima, em todos os quatro livros analisados, pode-se observar a presença de autores como o americano Jessef Holland, que adaptou histórias em quadrinhos do personagem Pantera Negra; Robert Louis Stevenson, da Escócia, com seu texto "O Cruzeiro do corache" de sua obra "ilha do tesouro"; Anna Soler-Pont, da Espanha, com seu texto "os dois reis de gondar (etiópia)". Assim como também, nossos conterrâneos, André Carneiro, um escritor paulista, escreveu contos, romances e poemas ao longo da vida; Maria Valeria Rezende, uma paulista; Vinicius de Moares, um poeta, cronista, advogado e diplomata; Carolina Maria de Jesus; Patativa do Assaré; Carlos Drummond de Andrade, originário de Minas Gerais; Alice Ruiz, natural de Curitiba; Afonso Romano de Sant'Anna, autor de crônicas, poemas e ensaios; e Antonio Roco.

Dentre todos esses autores, em sua totalidade doze autores, somente quatro autoras estão representando o público feminino nos livros e dessas quatro autoras femininas, apenas uma, Carolina Maria de Jesus, está representando o público de autoras afro-brasileira nos livros.

Esse fenômeno também é provocado pelo predomínio dos autores brancos nos livros didáticos e demais materiais educacionais, uma consequência das estruturas sociais, históricas e culturais que regem a produção e a divulgação de informações nas últimas décadas. Além disso, os países que foram colonizados pela Europa sofreram a imposição das culturas, línguas e sistemas de educação, ou seja, a colonização impôs essas dinâmicas aos locais que foram colonizados. Por fim, a falta de recursos e redes de apoio, o acesso às redes de publicação e aos espaços de divulgação cultural muitas vezes tiveram a ver com a minoria de autores negros. Isso dificulta a circulação de suas obras.

A maioria dos autores negros tiveram menos acesso a recursos, redes de apoio e oportunidades de publicação, especialmente nas situações de desigualdade socioeconômica, o que dificulta a circulação e a visibilidade de suas obras, razão pela qual é menos provável vê-los nos livros. Os setores editoriais e grupos responsáveis por selecionar as matérias para os livros didáticos, na maioria das vezes não elegem autores de pele não branca, dessa forma, recebem reconhecimento tardio por suas contribuições. Essa lacuna tem sido corrigida por movimentos de reavaliação do cânone literário e acadêmico, mas o progresso é lento. O processo de incorporação de autores negros e suas obras nos currículos escolares enfrenta obstáculos e resistências.

Por tanto, a ausência de diversidade nos livros didáticos tem impactos significativos na educação e na formação das identidades dos alunos. A representação inclusiva é fundamental para que todos os alunos se sintam refletidos e valorizados no material que estudam. Além disso, apresentar aos alunos uma variedade de perspectivas enriquece sua compreensão do mundo e ajuda a construir uma sociedade mais justa.

Por fim, ao que corresponde aos objetivos pretendidos, observou-se que, nos livros analisados a presença e contribuição de autores negros, no que diz a respeito da literatura, não estão de acordo com o que se pretendia que fosse de acordo com a lei já anteriormente mencionada, mesmo existindo há mais de dezoito anos, infelizmente, essa lei ainda não está sendo aplicada cem por cento de forma eficaz.

Dos quatro livros da coleção que foram analisados, apenas alguns pequenos textos dentro das atividades foram encontrados nos livros. Esses textos

estão incluídos no corpo deste trabalho. Um dos textos é apenas um breve resumo de nomes que representam a população negra no Dia da Consciência Negra. Ainda referente a este “exposto”, há também uma breve biografia da autora Carolina Maria de Jesus e um trecho de um artigo de jornal de muito tempo atrás. Para falar sobre outros nomes que representam a população afro brasileira foram encontrados dois textos que se referem a personalidades que foram importantes para a resistência negra, luta contra a escravização, “Rainha Tereza” e Luiza Mahin.

Diante dos estudos, e das análises de todos os materiais utilizadas para embasamento deste trabalho, conclui-se que, de fato prevalece a classe dominante, (homens, brancos e que pertencem alta sociedade), com a representatividade negra sendo raríssima.

9 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN: 978-85-98349-74-9 1. Racismo 2. Racismo - História 3. Racismo - Teoria, etc. I. Título II. Ribeiro, Djamila III. Série 19-00703.

AZEVEDO, Edeílson Matias de. **Livro Didático**: uma abordagem histórica e reflexões a respeito de seu uso em sala de aula. Uberlândia, 2003. Disponível em:<<https://www.unifucamp.edu.br/wp-content/uploads/2010/10/7.Ede%23U00c3%23U00adlson-Matias-de-Azevedo.pdf>>

Acesso em: 12 de ago. 2023

BITTENCOURT, C. F. **A História do Livro Didático Brasileiro**. São Paulo: Editora Abrelivros. 2020. Disponível em:<https://abrelivros.org.br/site/wp-content/uploads/2020/09/Abrelivros_A_Hist%C3%B3ria_do_Livro_Did%C3%A1tico_no_Brasil-girado.pdf> acesso em:15 de set. 2023

BRANDÃO, Jefferson Dagmar Pessoa. **O Papel e a Importância do Livro Didático no Processo de Ensino Aprendizagem**. 2014. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2014/Modalidade_1datahora_10_08_2014_01_17_25_idinscrito_4756_dbc438e8b3ae00a51f0270b96764913b.pdf>. Acesso em: 23 de set. 2023

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro. Ouro Sobre Azul, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira** - Literatura Afro-Brasileira. 2018

ECAR, Ariadne Lopes; SANTOS, Carlos Cesar dos. **O Uso dos Livros Didáticos no Ensino Médio Técnico no Contexto Pandêmico**. São Paulo, 2022.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, Belo Horizonte, v. 3, n. 25, p. 17-31, 2o sem.

MASSUELA, Amanda. **Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro**. Cult, São Paulo, n 231, p. 14-19, fev. 2018.

ROCHA, DOUGLAS DA. **A Representatividade da População Negra em Um Livro Didático**. Foz do Iguaçu, 2021

SILVA, Janiele da. **A invisibilização de escritoras negras no cânone literário brasileiro** / Janiele da Silva. - 2022. 38 f.: il; 30 cm

SILVA, Lauana Araujo. **Mulheres negras e suas representações nas coleções de livros didáticos de biologia aprovados pelo PNLD -2015**. Uberlândia, 2018.

SILVA, Renato Kerly Marques. **Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis: Escritoras Negras na Sala de Aula**. 2017. Disponível em:<https://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522235111.pdf>. Acesso em: 24 de jul. 2023

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L. H. **A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos**. 2021

VASCONCELOS, Vania Maria Ferreira. **No Colo das labás: Raça e Gênero em Escritoras Afro-brasileiras Contemporâneas**, Brasília 2014.

WAINER, Jacques. **Métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa para a Ciência da Computação**. São Paulo, 2007.